

HEIDEGGER, DESCARTES E A METAFÍSICA MATEMÁTICA

Ícaro Miguel Ibiapina Machado¹

Everaldo da Silva²

RESUMO: Heidegger, ao longo de sua obra, apresenta duas formas que a metafísica pode se manifestar. Aqui, lançamos nosso olhar para sua segunda vertente: a Matemática. Desse modo, objetiva-se apresentar uma sistematização geral sobre esta concepção no que se refere ao método de René Descartes e as críticas perpetradas pelo filósofo da Floresta negra. Encontrou-se, em primeiro lugar, como solo fundamental desta metafísica, a escolha ontológica prévia que o matemático faz sobre os entes pesquisados, ou seja, a própria matematização. Em segundo lugar, expôs-se a concepção do autor no tange a extensão e a conseqüente previsibilidade daí advinda. Em seguida, discorre-se sobre aspectos mais propriamente metodológicos da matemática, enquanto metafísica. Depois, apresenta-se as principais críticas à Descartes e sua “aparente radicalidade”. Por fim, conclui-se que a metafísica cartesiana não foge à tradição “ontoteológica”, caracterizando-se, ainda, como “esquecimento do ser”.

Palavras-chave: Heidegger, Descartes, Metafísica.

ABSTRACT: Heidegger, throughout his work, presents two forms that metaphysics can manifest. Here, we turn our gaze to its second side: Mathematics. In this way, I aim to present a general systematization on this conception regarding the method of René Descartes and the criticisms perpetrated by the philosopher of the Black Forest. First, as the fundamental ground of this metaphysics, I found the prior ontological choice that the mathematician makes over the entities surveyed, that is, mathematization itself. Secondly, the author's conception of the extent and the consequent predictability derived therefrom was set out. Next, I discuss the more properly methodological aspects of mathematics as metaphysics. Then the main criticisms of Descartes and his "apparent radicalism" are presented. Finally, it is concluded that the Cartesian metaphysics does not escape from the "ontotheological" tradition, characterizing, still, as "forgetfulness of being".

Keywords: Heidegger, Descartes, Metaphysics.

INTRODUÇÃO

¹ Psicólogo formado pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente, mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: icaro_machado@live.com

² Cientista Social. Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais (FURB). Mestre em Desenvolvimento Regional (FURB). Doutor em Sociologia Política (UFSC). Professor e Pesquisador no Centro Universitário de Brusque e na Sociedade Educacional Leonardo da Vinci. E-mail: prof.evesilva@gmail.com.

A metafísica, segundo a perspectiva ontológica de Martin Heidegger (1889-1976), limita-se a perguntar o que é o ente em sua totalidade e, por isso, não considera o Ser em sua Verdade. Como o desvelamento do ser é o solo originário do qual a metafísica tira seu fundamento, é possível dizer que há, em toda a tradição metafísica, *esquecimento do ser*. Desse modo, toda enunciação sobre o ente já pressupõe a essência do fundamento ainda não esclarecida. Além disso, não é pensada a diferença ontológica fundamental entre o “ente em seu ser” e o “*ser do ente*”, elegendo-se, unilateralmente, apenas o primeiro termo como objeto de pesquisa.

Heidegger propõe duas formas pela qual a metafísica se apresentou durante a história: a matemática e a teológica. Deste último, o que marca principalmente é a presença de um ente *suprassensível* e supremo, que seja o fundamento, *enquanto causa real ôntica*, de toda a *physis* do universo. Contudo, o objetivo deste trabalho vai para a *outra* face da metafísica. Forneceremos, deste modo, um panorama geral da apropriação do método da matemática pela metafísica, mediante as análises heideggerianas sobre a filosofia de René Descartes (1596-1650). Além disso, exporemos a crítica específica que o autor da floresta negra faz a esse tipo de atitude em relação ao ente. Assim, Heidegger sustenta que o método da metafísica cartesiana – e, em certa medida, as Ciências Naturais – se pauta essencialmente em um movimento ontológico (ou *pré-metodológico*, por assim dizer) para com os objetos de que se lança mão, o que é “*fundamento essencial de determinação da metafísica moderna*” (2007b, p.51). Trata-se, em última instância, de um “*conhecimento já conhecido*” (*Erkannt Erkenntnis*) (HEIDEGGER, 2005). É por isso que o autor afirma que

É sem dúvida um grande erro, decisivo em toda parte ainda hoje, pensar que este predomínio da matemática e do pensamento matemático nos séculos XVII e XVIII se tenha limitado apenas à construção externas dos sistemas filosóficos, à análise e desdobramento de seus conceitos e à distribuição e sequência de suas teses. Correto apenas nesta opinião é que se deve entender aqui o matemático num sentido mais amplo e de princípio, e não como um método particular de um setor especial da matemática. (HEIDEGGER, 2007b, p.45)

Há, portanto, uma “*decisão prévia do matemático sobre seus possíveis objetos uma orientação fundamentalmente ontológica*”. Para Heidegger (2009, p.142), “*dita-se ao*

mundo o seu ser". A coisa ganha uma *determinação* muito peculiar aqui: "*res como objecta – a colocação antecipada das coisas como objetos*" (HEIDEGGER, 2009, p. 145).

EXTENSÃO

Em primeiro lugar, temos o ente da natureza, *por ser extenso*, enquanto *mensurável*. Medir torna-se "*modo de acesso*" para o corpóreo. Contudo, não devemos entender esse termo como um mero verificar determinado por números. Na verdade, a questão heideggeriana é ainda mais profunda e essencial: "*na verdade, mensurabilidade significa calculabilidade, isto é observação da natureza que permite saber com que podemos contar em seus processos, com que podemos e com que devemos contar em seus processos*" (2009, p.142, grifos nossos).

O que Heidegger quer dizer neste nebuloso parágrafo é que o método é que deve ser assegurar, antes de tudo, a *previsibilidade* da natureza. É precisamente aí onde mora o "*contar com*" do método. Para que sejamos, pelas palavras de Descartes, "*mestres e donos da natureza*", o ente deve guardar algo que o faça ser previsível. É precisamente aí que, para Heidegger, o mundo é reduzido a sua *causalidade*. Esse aspecto traz as maiores consequências para a ideia moderna de ciência no que tange ao imperativo da *experiência*. Essa novidade, que falta em qualquer noção de "*ciência*" anterior, é que vai promover a marca distinta do pensamento moderno:

Uma vez que a física moderna é essencialmente matemática, e apenas por esta razão, ela também pode ser experimental. Uma vez que nem a doutrina medieval, nem a epistémé grega são ciências, no sentido da pesquisa, elas nunca chegam a ser experimentais. [...] Preparar e estabelecer um experimento significa representar uma condição de acordo com a qual um sistema específico de movimentos pode ser acompanhado na necessidade de seu decurso, de tal forma que o sistema pode ser dominado de antemão pela "cálculo". [...] O experimento é o método cujo planejamento e execução são sustentados e conduzidos por uma lei tomada por base, para que os fatos possam comprar a lei ou negar-lhe a confirmação. (HEIDEGGER, 2013, p. 3)

VERDADE, MÉTODO E FUNDAMENTO

Para Heidegger, outra consequência de tal matematização está no âmbito da *verdade*. A matemática impõe a certeza como critério de verdade. Na *Regulae*, Descartes afirma que a “*evidência e certeza do conhecimento direto (intuitus) são necessárias não só nos enunciados de proposição, mas também em qualquer discussão de um fato*” (DESCARTES apud HEIDEGGER, 2009, p.143). Desse modo, determinam-se, a priori, duas classes de coisas, os indubitáveis e aqueles a que falta esse caráter. Diante disso, há um segundo movimento de ordem negativa. Tudo aquilo que for dubitável deve ser *excluído* do conhecimento matemático. O incerto deve ficar de fora por não apresentar “*determinabilidade matemática*”. Deve haver, portanto, uma “*pureza*” do que é “*evidente por si*”.

É exatamente nesse sentido que há uma desvalorização do dado dos sentidos, numa tomada de posição anti-empírica. Neste sentido, “*o matemático não se determina por referências à experiência*” (HEIDEGGER, 2007b, p.50). O conhecimento pela via dos sentidos seria, portanto, “*ontologicamente sem importância*”, não daria a conhecer o ente em seu ser. Trata-se, seguindo a tradição platônica de “*um tomar em si, em que eu me comunico (dou) a mim mesmo, o que no fundo, eu já tenho, uma comunicação, em que levo o outro a tomar o que ele mesmo se dá*” (HEIDEGGER, 2007b, p.47). Na verdade, é essa a essência do matemático e da possibilidade de *ensinar* e *aprender* em sentido lato. Ora, deve haver, por conseguinte, “*conhecimentos que não se obtém de algum modo por lidar com as coisas e utilizá-las com base na experiência e trato (modo próprio)*” (HEIDEGGER, 2007b, p.47). É aí que a *mathesis* cartesiana ganha seus contornos mais metodológicos. Para se fugir a isto, Descartes propõe um método de dois momentos. Em primeiro lugar, deve haver uma “*visão direta e penetração nos axiomas e no que neles se estabelece*” (IBDEM, p.48). A partir daí, haveria “*dedução de outras sentenças a partir dos axiomas*”. Todo conhecimento seria, dessa forma, respectivamente, por intuição ou dedução.

Há, então, um aspecto, digamos assim, “*hierárquico*”. O proceder é marcado por um “*ordenamento de fundamentação*”, ou seja, é imperativo que se *ordene e disponha*. Em outras palavras, o método é *derivativo*. Partimos do mais simples e irreduzível (axiomas, princípios fundamentais) em uma “*rigorosa derivação*” para o mais complexo. Em termos

metodológicos, isso recebe aspectos marcantes. Deve-se proceder no sentido de “ordenar e dispor” o que dirige a “visão do espírito”. Essa direção tem seu sentido muito bem estabelecido. Para Heidegger, Descartes tinha “vontade de construir algo absolutamente certo” (2009, p.99). É aquela verdade das coisas (*veritas rerum*), enquanto indubitável, que o método quer; é para ela que ele se *direciona*.

A consequência desse modelo é óbvia. A hierarquia entre as proposições deveria fornecer um sistema *fechado e acabado*. Nasce uma vocação *fundacionalista*: é necessária a criação de uma “ciência fundamental” que doasse a todo conhecimento os *axiomas* mais simples para, a partir daí, derivar o resto. Esse tipo de saber, portanto, deveria ter “máxima generalidade”: todo saber deveria ser identificável com esta forma de conhecimento (“*precedência universal*”). Aqui temos dois elementos implícitos: *meta* e *método*. “O matemático traz em si continuidade e meta de um procedimento completo em si mesmo, ele já é em si mesmo caminho, isto é método”. Já se sabe, de antemão, por causa do tipo de ente que se trabalha, qual o *destino* que é lícito se alcançar. Embutido a isso, há o *como* alcança-lo. Tudo isso está estritamente ligado a promoção da matematização essencial.

SUBJETIVIDADE, DÚVIDA E MÉTODO

É exatamente *a partir* de todos esses pressupostos, acima indicados, que a dúvida metódica deve ser entendida. Devemos “*filosofar radicalmente*” para obtermos aquela “*estrutura inabalável*” de que, *no futuro*, será fundamento de toda filosofia e ciência. Com isso devemos primeiro voltarmos para o início mais tenro: *achar um axioma para derivação*. Este deve ser algo “*superlativamente simples*” e “*absolutamente indubitável*”, para o Descartes heideggeriano. Para Heidegger, o que é “*metodológico*” neste duvidar aparece em um duplo sentido. Primeiro, como um método em si, orientado em direção ao dado que acima apresentamos. Contudo, o sentido que mais é caro ao autor alemão é o segundo: duvida-se *a serviço* do método já (pré-) estabelecido. O primado matemático, como vimos, já decidiu, de antemão, quais são *seus* objetos (a meta).

Desse modo, diante de toda essa base matemática, Descartes elege a *cogitatio* como esse axioma fundamental. “*Se eu duvido de tudo, então de toda a dúvida resta esse fato indubitável de que eu, que sempre duvido, existo. A certeza fundamental está na evidência: ego cogitans sum res cogitans*” (HEIDEGGER, 2009, p.143). Em outras palavras, “*o verdadeiro é apenas o assegurado, o certo. Verdade é certeza, e para essa certeza permanece decisivo o fato de nela o homem estar a cada vez certo e seguro de si mesmo*” (HEIDEGGER, 2007a, p. 126). Essa formulação parte de algumas outras premissas. Devemos tomar o duvidar como *atividade do pensar (cogitatio)* em sentido mais amplo.

Outra característica básica é a não identidade entre tal atividade e o agente que ela opera. Por outra via, a representação é, ainda que inteiramente dependente, diversa do polo do eu de onde ela parte. Diante de tudo isso, devemos assumir uma capacidade básica do pensamento: a *reflexão*. O pensamento saberia de si mesmo, enquanto uma representação como qualquer outra. O *eu*, segundo a leitura de Heidegger, é aquilo que o homem (já) é e tem que se apropriar. O indubitável, e, portanto, “*o conhecimento no qual toda 'verdade' se funda*” (HEIDEGGER, 2007a, p. 110), deve ter caráter de *pensamento*. É precisamente neste ponto que a subjetividade ganha estatuto privilegiado. Para Heidegger, é nesse momento que o homem vai para o *centro* da filosofia (SHOCKEY, 2010). *Qualquer* conhecimento, portanto, teria que se dar por meio desta coisa pensante, aberta pela dúvida metódica. O método consistiria em “*dar a mim o que eu já tenho*” (HEIDEGGER, 2007b, p.47). O conhecimento seria, portanto, a *via de acesso* do ente primário, que é descoberto.

CRÍTICAS HEIDEGGERIANAS À METAFÍSICA MATEMÁTICA

Talvez, a mais fundamental crítica a Descartes é feita em torno da ‘*matematização*’, que apresentamos mais acima. Para Heidegger o fato de que é decidido, *previamente*, o que pode ser sabido e como isso há de ser sabido é, por si, problemático. Para Heidegger, isso é uma “*ditadura da mente como operadora da calculabilidade*”. Essa orientação ontológica mostra-se equivocada porque, ao contrário da postura fenomenológica, não tira o modo de ser dos entes deles mesmos. Desse modo, o suposto rigor matemático

cartesiano é apenas, para o autor alemão, “*aparente radicalidade*”. O método matemático é tomado de maneira irrefletida e inquestionada pelo francês. Nem mesmo a rigidez aparente da dúvida hiperbólica escaparia a isto, pois “*atrás da consideração de dúvida se acha a convicção não fundamentada de que o método do questionamento e fundamentação da filosofia é o método matemático*” (HEIDEGGER, 2007b, p.55). A crítica se encontra sintetizada neste trecho:

[...] método é o caminho que leva a algo, uma área, o caminho pelo qual estudamos um assunto. Não se pode estabelecer de antemão um método, sem mais nem menos, de que maneira o assunto determina a espécie de caminho que a ele conduz, de que maneira a espécie de caminho permite alcançá-lo. Estas da mesma forma que a espécie de caminhos possíveis, que levem à área correspondente do ente. Isso mostra uma conexão direta entre a questão da mensurabilidade como tal e a questão do método (HEIDEGGER, 2009, p.139)

O que parecia um “*novo início*” para a filosofia é, na verdade, outra decadência, de igual modo da metafísica teológica. Não se põe, em momento algum, a questão fundamental pelo ser, caindo, sem diferir do resto da tradição, em um esquecimento e abandono do ser. Outra crítica heideggeriana primordial, que podemos atribuir a Descartes, diz respeito a sua teoria de verdade. O autor francês, seguindo um longo caminho já trilhado pela tradição, usa *Veritas* enquanto *Adequatio*, segundo a máxima tomista “*Veritas est adequatio rei et intellectum*”. Até o iluminismo, o uso de tal verdade, da intelecção do ente por parte do homem, é condicionado por ordem divina.

Contudo, com o “*abandono*” desta forma de metafísica para a matemática iluminista, mudamos da inteligência da divindade para algo análogo neste sentido: *a razão universal*. É esta a responsável de garantir a conformidade entre a coisa e a proposição sobre a verdade do ente. Para Heidegger, considerando a vertente matemática como ainda de natureza onto-teológica, não se sai da égide do “*manto teológico*”. Heidegger não rechaça esta concepção, digamos assim, “*por si só*”. O que é problemático, para o autor, é precisamente o lugar em que a não-verdade, enquanto “*não-adequação*”, ocupa. Para o filósofo, esta habita tão somente o lugar de “*não-conhecimento*”; não devendo, portanto, ser nela que devemos olhar para se atingir a essência da verdade.

Nesse contexto, Heidegger apresenta uma concepção inovadora sobre verdade. Aí, o conceito tradicional de verdade figura, tão somente, como uma *derivação*. O que o filósofo inaugura (ou renova) é a noção de verdade enquanto *aletheia* ou desvelamento, na clareira do ser. Assim, para o autor “o substantivo ‘clareira’ vem do verbo *clarear*. O adjetivo ‘claro’ é o mesmo que ‘leicht’. “*Clarear*” algo quer dizer: tornar algo leve, tornar algo livre e aberto, por exemplo, tornar a floresta, em determinado lugar, livre de árvores” (HEIDEGGER, 1996b, p.102-103, grifo nosso). O itálico nesta passagem é de extrema importância. A clareira clareia, *em determinada área*, enquanto outro lugar permanece fechado pela mata da floresta. É aí que o conceito recebe seu contorno mais nítido. O encobrimento ganha, sobremaneira, *status de originalidade*. Não se trata de algo que nada diz respeito ao conhecimento (*episteme*), aos moldes “*não há nada para ver aí*”. O que se tem é antes de um comportamento próprio ao *Dasein*. Desse modo, a verdade “*propriamente*” receberia sua parcela *negativa*. É somente nesta medida que ela aparece enquanto *desvelamento*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem transforma, age sobre o meio, no qual ele desafia os determinismos da natureza em busca de sua liberdade.

“*O homem não é o senhor do ente. O homem é o pastor do ser*”. Nessa máxima, Heidegger (2010, p.52) deixa entrever algo de essencial. O homem é um ente cuja existência é a própria afirmação do ser, atingindo-a em sua *verdade*. É exatamente aí que reside sua dignidade: ele foi “*chamado pelo próprio ser para guardar sua verdade*” (IDEM). O homem, portanto, é, *já*, ser-jogado de (seu) aí (*da*). Ele mora na vizinhança do ser, é posto em face dele. “*O homem é o vizinho do ser*” (IDEM). É nessa relação de correspondência que o homem propriamente *pertence* ao ser. Na verdade, mais precisamente, o ser-humano é esse relacionar-se enquanto tal. “*No homem impera um pertencer ao ser; este pertencer escuta ao ser, porque a ele está entregue como propriedade*”. (HEIDEGGER, 1996a, p.177). O ser, por sua vez, se relaciona com o homem por meio de um *apelo*, já que ele é o único ente, por ter o aberto de uma clareira, que garante esta possibilidade. É somente aí que o ser pode *se tornar claro*.

Contudo, não se pode pensar que o ser se impõe ao homem. Essa relação essencial não é, de modo algum, algo da ordem de uma exigência, de um imperativo. “O ser permanece misteriosamente como a singela proximidade, de um imperador que não se impõe à força”. (HEIDEGGER, 2010, p.37). O ser-humano, ao contrário, deve *deixar ser*. Ele, “*de início e na maioria das vezes*”, não o faz, preferindo perder-se em meio ao ente (HEIDEGGER, 1998). Aqui, se não escuta o que o ser fala ou, ainda, se silencia aquilo que se escutou. Por isso, nosso estado corriqueiro é a *decadência*, pois:

[...] residimos, sem dúvida, sempre e em toda parte na correspondência ao ser do ente; entretanto, só raramente somos atentos a inspiração do ser. Não há dúvida que a correspondência ao ser do ente permanece nossa morada constante. Mas só de tempos em tempos ela se torna um comportamento propriamente assumido por nós e aberto a um desenvolvimento. (1996c, p. 36).

O homem é *livre* no comportar-se com ele. Nisso consiste, precisamente, o *pensar do ser*, como contrapartida do decair. Neste caso, o homem *ouve* o apelo do ser, sendo *dócil* a ele. Heidegger (2010, p.8) resume o fundamental sobre isso:

O pensar consuma a relação do ser com a essência do homem. O pensar não produz nem efetua esta relação. Ele apenas a oferece ao ser, como aquilo que a ele próprio foi confiado pelo ser. Esta oferta consiste no fato de, no pensar, o ser ter acesso à linguagem. A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação. A guarda que exercem é o ato de consumir a manifestação do ser, na medida em que a levam à linguagem e nela a conservam. Não é por ele irradiar um efeito, ou por ser aplicado, que o pensar se transforma em ação. O pensar age enquanto exerce como pensar. Este agir é provavelmente o mais singelo e, ao mesmo tempo, o mais elevado, pois interessa à relação do ser com o homem. Toda a eficácia, porém, funda-se no ser e espraia-se sobre o ente. O pensar, pelo contrário, deixa-se requisitar pelo ser para dizer a verdade do ser.” (2010, p.8).

É nisso que corresponde à *filosofia*, em sua essência. É esse pensar que conduz o homem a sua própria essência historial, ao seu *destino*. “A *clareira enquanto a verdade do próprio ser, acontecer e manifestar-se, é a destinação do próprio ser*” (2010, p.43). Por esse negar do destino, é que se faz possível o esquecimento do ser. É nisso que se funda a tradição da filosofia, que, segundo o filósofo da floresta negra, se perdeu logo que se iniciou. Ora, o que Descartes fez, em suma, seguindo a perspectiva heideggeriana, foi uma

tentativa de se explicar o ente em e pela sua matematização. Não se nega, decerto, que foi de suma importância à superação do pensamento teológico medieval. Contudo, o filósofo iluminista ainda vai no sentido da tradição do pensamento filosófico ocidental, a saber, ele ainda permanece onto-teleológico, esquecendo a *Seinfrage*. Assim, mesmo colocando o *sein* em lugar não menos primordial que o *sum*, Descartes deixa a questão do ser do 'sou' (*Sein des sum*) completamente indiscutida.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, M. Identidade e Diferença. In: **Os Pensadores – Heidegger**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996a.

HEIDEGGER, M. **O Fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento**. In: **Os Pensadores – Heidegger**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996b.

HEIDEGGER, M. **Que é isto – A Filosofia**. In: **Os Pensadores – Heidegger**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996c.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

HEIDEGGER, M. **Introduction to Phenomenological Research**. Bloomington, IN: Indiana University Press, 2005.

HEIDEGGER, M. **Nietzsche – volume II**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007a.

HEIDEGGER, M. **A Questão Fundamental da Filosofia**. In: HEIDEGGER, M. **Ser e Verdade**. Petrópolis: Vozes, 2007b.

HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon**. Petrópolis: Vozes, 2009.

HEIDEGGER, M. **Carta sobre o Humanismo**. São Paulo: Centauro Editora, 2010.

HEIDEGGER, M. (2013). **A época das imagens de mundo** (C. Ducker, Trad.). Recuperado em 3 setembro, 2015, disponível em [http://ghiraldelli.pro.br/wp-content/uploads/Heidegger-A- %C3%89poca-das-Imagens-de-Mundo.pdf](http://ghiraldelli.pro.br/wp-content/uploads/Heidegger-A-%C3%89poca-das-Imagens-de-Mundo.pdf).

SHOCKEY, M. Heidegger's Descartes and Heidegger's Cartesianism. **European Journal of Philosophy**. Vol 20, No 2, pp. 285–311, 2010.